

DOCUMENTA

RADCLIFFE-BROWN V. ANTONIO CANDIDO: UM DEBATE INACABADO

Omar Ribeiro Thomaz (UNICAMP)
João de Pina Cabral (Universidade de Lisboa)

Em 1944, o grande mestre da antropologia social britânica Alfred Reginald Radcliffe-Brown (1881-1955), à época residente em São Paulo, concedeu uma entrevista ao jornal *Diário da Noite* (27 de maio de 1944). O teor político da entrevista feriu a sensibilidade dos jovens intelectuais públicos paulistas que emergiam em torno da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Um dos mais distintos de entre eles, o jovem Antonio Candido (n. 1918), viu-se compelido a publicar uma resposta (1944). Este evento é especialmente interessante pelo que revela sobre a carreira intelectual destas duas distintas personagens, mas sobretudo pelo que nos diz sobre a forma altamente particular como o estrutural-funcionalismo foi recebido no Brasil no período pós-Guerra. Afinal, AC seria eventualmente o autor da mais importante obra de inspiração estrutural-funcionalista jamais escrita na língua portuguesa, *Os parceiros do Rio Bonito* (2001 [1964] — vide Pina Cabral 2003) e era ainda colega, amigo e colaborador directo de Florestan Fernandes, cujas importantes obras da época revelam a mesma influência teórica e metodológica (1948, 1970 [1952]).

Enquanto a resposta de AC foi recentemente reeditada (2002), já a entrevista original de R-B era desconhecida dos que se interessam pela história das ciências sociais.¹ O episódio merece atenção, tanto mais que a estadia de R-B em São Paulo é largamente ignorada pelos historiadores da antropologia que tanto impacto tiveram na década de 1990 e que tanto escreveram sobre o mestre inglês (vide G. Stocking 1996).² Homem instável, R-B era uma pessoa que se deslocava muito, viajando incessantemente mas deixando sempre uma forte influência nos vários locais por onde foi residindo e ensinando (Cambridge, Sydney, Cape Town, Chicago, São Paulo, Oxford,

Manchester). Assim se espalhou o seu valiosíssimo legado intelectual fora e dentro das então tão amplas fronteiras do Império Britânico.

Em São Paulo, talvez pelo facto de a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP), à qual estava associado, ter tido uma história subsequente menos distinta que a USP — onde os franceses e alemães dominaram — e talvez ainda pela tradicional preferência francófila nos meios luso-brasileiros, a sua presença foi menos sentida que em Sydney ou Cape Town. Porém, ao conhecermos melhor este episódio através dos textos agora publicados, podemos ter acesso a um novo ângulo de uma época cujo lastro intelectual ainda hoje se sente vivamente no Brasil.

No período da Segunda Grande Guerra, os industriais paulistas que promoveram as grandes instituições universitárias que detêm a hegemonia intelectual na megalópolis nos dias que correm tiveram o discernimento de escolher professores de todo o mundo mais pelos seus reconhecidos dotes intelectuais do que pelas suas posições políticas. À época, instituições como a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo³ (convertida em centro nervoso da própria USP) e a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo⁴ receberam um número importante de professores visitantes que deixaram uma marca indelével no ambiente de uma cidade que, dos cerca de 2 milhões que tinha à época, veio a ter hoje mais de 16 milhões, posicionando-se como o cerne intelectual de todo um semi-continente em crescimento. Figuras como W.V.O. Quine, A. Radcliffe-Brown, Donald Pierson, Fernand Braudel, Roger Bastide ou Claude Lévi-Strauss, entre outros, iriam deixar uma marca profunda entre os seus discípulos de São Paulo, mas iriam também, no pós-Guerra, afirmar-se nos seus países de origem como alguns dos pensadores que marcariam definitivamente o curso das ciências sociais em nível global.

R-B veio para São Paulo em 1943 e aqui ficou até 1945/46 como parte do seu Serviço de Guerra. Na altura era já professor de Antropologia Social em Oxford (All Souls College, 1937-1946), a escola que maior impacto viria a ter na antropologia social e cultural no período do pós-Guerra em nível mundial. Aliás, segundo Rodney Needham, um dos sucessores na cátedra do All Souls College,⁵ uma das razões pelas quais R-B teve menos impacto na escola oxoniana do que seria de esperar foi precisamente pela sua ausência no período final da guerra, durante o qual se estabeleceu o domínio de E.E. Evans-Pritchard — que viria a ser o seu sucessor imediato em Oxford após 1946, quando R-B mais uma vez se deslocou para uma nova cátedra, desta feita em Manchester.

A esta, porém, deve ser associada outra vertente explicativa. A saber, a forma altamente ambígua pela qual Evans-Pritchard — figura predominante

da antropologia britânica entre 1950 e os meados da década de 1970 — se relacionava com os seus mestres.⁶ Em especial, logo após a saída de R-B para Manchester, Evans-Pritchard distancia-se publicamente dos posicionamentos teórico-metodológicos do seu mestre. A formulação mais famosa desta postura é a polémica Marett Lecture de 1950 (cf. Evans-Pritchard 1951).

A função de R-B no Brasil era de diretor da “Cultura Inglesa” (à época uma emergente escola de língua inglesa; hoje, o seu impacto em nível nacional é bem maior), mas dava também aulas na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, onde era assistido por Antônio Rubbo Muller (e.g. 1957). Talvez até por este último não ter tido posteriormente o prestígio intelectual dos seus colegas da USP, e ainda porque esta escola viesse a ter um futuro mais irregular que o da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, sucedida pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH, USP), a passagem de R-B pela cidade ficou menos conhecida. Mas prestígio e impacto não se confundem necessariamente. Se é facto, como lembramos acima, que certa francofilia pudesse ter tido um papel na invisibilidade de R-B em sua passagem pelo Brasil, não podemos deixar de notar a importância da ELSP na profissionalização do sociólogo-pesquisador entre nós. Foi na ELSP que se criaram os primeiros estudos pós-graduados em sociologia (cf. Limongi 2001), e foi lá que expoentes como Florestan Fernandes, Gioconda Mussolini, Lucila Hermann, Oracy Nogueira e Virgínia Bicudo deram início às suas carreiras de pesquisadores. Nesse momento, a FFCL — USP parecia dar as bases teóricas e filosófico-especulativas, mas onde se aprendia a *fazer pesquisa empírica* era na ELSP, com mestres como Donald Pierson, Emílio Willems, Herbert Baldus — e R-B. Foi entre os anos 1940 e 1950 que tivemos a consolidação de uma área de estudos de grande valor até os dias atuais entre nós — os estudos de comunidade.⁷

R-B era um homem alto e distinto que se vestia com muito esmero e usava regularmente monóculo. O jovem Antonio Candido, que tinha lido os seus ensaios em pagelas distribuídas pelos colegas brasileiros e que tinha sido muito inspirado pelo seu estrutural-funcionalismo, conheceu-o pessoalmente um dia quando decidiu que queria ter acesso à biblioteca da Cultura Inglesa para poder ler os poetas ingleses que tanto o deliciavam.⁸ Ele era assistente de Ciências Sociais na USP, apesar de ter feito a sua Livre-Docência em Literatura Brasileira.⁹ Estava a começar o trabalho que levaria à sua tese de doutoramento que conhecemos pelo título de *Os parceiros do Rio Bonito*; obra concluída em 1954, mas que só viria a público dez anos depois, e na qual a inspiração do estrutural-funcionalismo de Radcliffe-Brown é mais do que patente, combinando-se interessantemente com uma forte influência marxista, o que era uma conjugação pouco usual à época.¹⁰

R-B recebeu-o com altivez, olhando-o do alto do seu monóculo e perguntando-lhe para que queria ele ter acesso à biblioteca. Satisfez-se, porém, prontamente com a resposta dada de que se tratava de pura curiosidade intelectual. Afora essa ocasião, e apesar de o ter vislumbrado várias vezes passando pelas ruas da cidade, Antonio Candido não voltou a encontrar-se com o antropólogo inglês que tanto o impressionava intelectualmente. Segundo ele próprio, o impacto de R-B, aliás, fora mediado por outro dos seus inspiradores, Robert Redfield (em particular a obra *The folk culture of the Yucatan*, 1941), que muito aprendera também com o mestre inglês quando este passara por Chicago (1931-1937).

Em 1944, quando leu a entrevista de R-B a propósito do destino que deveria ser dado à nação alemã após a sua derrota, o então jovem intelectual paulistano sentiu que lhe competia manifestar-se contrariamente por razões de humanismo básico. Na altura, percebia-se já que a Alemanha perderia a Guerra e discutia-se qual o seu destino. As propostas de R-B pareciam arrogantes e desumanas aos olhos dos jovens intelectuais paulistas, todos eles muito inspirados pelos seus professores estrangeiros — muitos destes possuídos de fortes simpatias socialistas ou mesmo comunistas (como Fernand Braudel, Jean Maugué ou Paul Arbusse Bastide), inclusive porque entre eles se encontravam também alguns alemães de origem, como Herbert Baldus¹¹ ou Emílio Willems,¹² ou ainda descendentes de alemães, como Egon Schaden, cujo impacto na USP não pode ser desprezado.

AC lia as opiniões de R-B à luz do que se chamava à época “vansittartismo”: uma corrente profundamente germanófoba, bordejando até a xenofobia, que se posicionava igualmente contra o fascismo e o comunismo e que via as estratégias de Chamberlain de *appeasement* (tentativa de acalmar) como uma das principais causas para os terríveis males da guerra que logo se revelaram.

De facto, no fim da Guerra circulavam várias propostas relativas ao que se apresentava como um evidente “problema alemão”. De um lado, estavam aqueles como o diplomata inglês Robert Gilbert, Lord Vansittart of Denham, que percebiam no fim da Alemanha a sobrevivência da Europa. E as propostas eram muitas: alguns imaginavam um país pastoril, incapaz de fazer a guerra; outros, um país dividido em muitos e pequenos estados; a militarista Prússia devia em todo o caso desaparecer, numa Alemanha dividida, socialista ou purificada pelo fogo e entregue à genuína fé cristã (Bessel 2009:271). Para estes, a Alemanha seria o resultado atávico de uma psicologia ou biologia alemã que deveria ser extirpada ou controlada pelo bem da Europa e do mundo. De outro lado, contudo, estavam aqueles que percebiam a Alemanha sobretudo como produto da história alemã. Urgia, assim, criar uma consciência da história e uma potente crítica ancorada em

instituições políticas democráticas para evitar o belicismo deste país.¹³ E seria crucial para prevenir problemas futuros evitar a todo o custo a vingança.

Não é certo que R-B fosse, de facto, um apoiante das formas mais excessivas de propaganda antigermanista a que Lord Vansittart se entregou após ter sido marginalizado no Foreign Office pela chegada ao poder de Chamberlain, em 1937. Profundamente influenciado pelo seu papel como primeiro secretário na Conferência de Paz de Paris de 1919-1920 e ainda pelo desenrolar da Guerra da Abissínia, onde se confrontou desagradavelmente com a emergência do fascismo italiano, Lord Vansittart foi um dos primeiros a entender os reais perigos do nazismo alemão e a alertar para a necessidade de rearmamento na Europa. Foi também dos primeiros a denunciar publicamente as políticas alemãs de extermínio dos judeus. O desenrolar dos eventos após o seu afastamento em 1937 provou que tinha tido razão e inspirou a sua sanha panfletária antigermânica durante a Guerra. Em especial, há que destacar o impacto do seu livro *Black record: germans past and present* (1941), cujo conteúdo parece reflectir-se em algumas das opiniões de R-B.

Certo é sim, pelo que podemos ler na entrevista, que este último partilhava da opinião de Lord Vansittart de que havia uma total sintonia entre a conduta de longo prazo dos líderes militares e políticos alemães e a opinião pública dos países de língua germânica, que explicava a ininterrupta agressividade militar alemã a partir da Guerra Franco-Prussiana de 1870-71. De facto, a forma surpreendente como a população austríaca aderiu em massa e empenhadamente ao *Anschluss* nazi em 1938, quando os indícios políticos de que tal pudesse acontecer não eram visíveis, assinala que pelo menos neste aspecto Lord Vansittart e R-B tinham alguma razão. Para estes, o fascismo e o comunismo eram forças igualmente contrárias aos valores da paz e por isso fazia pouco sentido diferenciar estas correntes no interior da opinião pública dos países germanófonos. Como afirma R-B na sua entrevista "a guerra é uma fatalidade histórica da vida da Alemanha, à qual ela não pode fugir pelo seu passado. É uma imposição da sua história". Era necessário impedir decisivamente a reconstituição de um poderio militar alemão a médio prazo e reeducar a população destes países nos valores da cooperação europeia pacífica e igualitária.

Para a opinião de esquerda, porém, fortemente sustentada, por exemplo, por um dos professores de quem Antonio Candido era mais próximo, Jean Mangué, tais formulações eram pura e simplesmente racistas e teriam como resultado punir ainda mais as classes operárias alemãs que já tinham sido tão oprimidas pelo fascismo. Assim, Antonio Candido, que escrevia regularmente para a *Folha da Manhã*, decide dedicar uma coluna a contradizer as opiniões do velho mestre inglês (R-B tinha na altura 63 anos e AC 26 anos).

A sua posição, aos nossos ouvidos de hoje, quando confrontada com a de R-B, sobressai como eticamente mais fundamentada e justa. Na verdade, as opiniões de Antonio Candido refletiam em particular a influência de Jean Maugué. Nas suas palavras, este último “foi um verdadeiro mestre. A minha maneira de ver o mundo, de raciocinar sobre o mundo, é, provavelmente, devida a [esse] professor. Não só eu como toda a minha geração. Maugué nos preparou para refletir sobre a vida” (*apud* Pontes 1998:94).

Uma das características do ensino de Maugué era a sua opção socialista: “Intelectualmente o marxismo entrava com peso na sua fórmula mental, mas de maneira aberta. Era interessante o contraste entre esta abertura, que fazia dele um precursor de tendências posteriores do pensamento marxista, e a ortodoxia das suas opções políticas concretas” (“Depoimento de Antonio Candido sobre Jean Maugué” in Carneiro 2008:191). Esta influência de um humanismo marxista — que não da fé comunista — iria constituir um dos condimentos mais marcantes e diferenciadores da futura obra de Antonio Candido. Em particular, em *Os parceiros do Rio Bonito*, encontramos uma conjugação especialmente exemplar entre essa visão humanista marxista e a aproximação estrutural-funcionalista de inspiração radcliffe-browniana.

Com este tempo todo de distância, a leitura contrastiva dos textos que agora reeditamos causa alguma perplexidade. Na verdade, quando lemos o jovem paulistano, não podemos deixar de admirar a coragem, a lucidez, e sobretudo a força ética da posição que assume. Depois, voltamos à entrevista do velho inglês e percebemos que, à parte o estilo retórico britânico da época (por vezes um pouco exageradamente cómico-sádico para o nosso ouvido ibérico), o que ele propõe foi, afinal, o que acabou por acontecer. A Alemanha foi dividida e desmilitarizada; a Áustria voltou a existir; as nações limítrofes receberam as terras que tinham perdido e a independência política que desejavam; os alemães da Silésia, da Checoslováquia e da Iugoslávia foram deportados. Não há dúvida de que, dessa forma, foi possível acabar o aparentemente irresolúvel ciclo bélico europeu. De facto, e com exceção do espaço balcânico, e conflitos localizados que sucederam o fim da União Soviética, a Europa está em paz há mais de meio século.

Ora, a verdade é que os eventos do futuro que acabaram por levar à constituição da União Europeia, à Queda do Muro de Berlim e à reunificação alemã validaram em pleno a justeza de se precaver contra uma fácil reunificação alemã, sobretudo se esta fosse levada a cabo sob a alçada do seu aliado a Leste, a União Soviética — o que, à época, teria agradado muito a Jean Maugué. Se bem que R-B falasse de uma maneira empolada pela fúria¹⁴ (estranho hoje ver que não fala sequer do Holocausto, apesar de Vansittart ter começado a alertar para a Shoa já em 1943), lido à luz da his-

tória subsequente, o que o mestre britânico diz não é afinal tão grave quanto a apreciação que Antonio Candido faz das suas opiniões.

Por outro lado, uma segunda leitura do texto deste último revela que ele estava muito enganado sobre o que iria ser a União Soviética e era muito inocente nas expectativas que tinha sobre o regime bolshevique.¹⁵ Será que ele sabia quem era mesmo Stalin? Em face dos crimes do comunismo na antiga União Soviética, na China, e ali por onde se estabeleceu no período 1946-1989; em face da natureza opressiva do regime alemão oriental, as reservas de R-B não parecem afinal tão infundadas. Nem sequer R-B poderia sonhar com tais horrores como aqueles a que se iria assistir logo no pós-Guerra na União Soviética! A verdade é que a história provou que R-B, apesar de falar de forma incauta e agressiva — talvez até xenofóbica, o que para antropólogo é crime — tinha noção de que era realmente impossível deixar uma Alemanha unificada durante o pós-Guerra; para além de tudo mais, era perigoso demais para a Europa.

Em suma, se bem que Antonio Candido retenha ainda hoje o *high moral ground*, como diria o seu oponente, quem parece ter acertado sobre a correta estratégia não foi ele, afinal. Ainda há poucos meses, com o assalto ao euro congeminado pelas instituições financeiras anglo-americanas no rescaldo do colapso financeiro de Wall Street, se viu que a política espontânea da população alemã continua a não compreender que os alemães devem aprender a coabitar em igualdade com os outros europeus, respeitando as diferenças e apreciando as sinergias que aos alemães têm dado tanta segurança e tanto bem-estar nos últimos sessenta anos. Esperemos que os danos feitos ao projeto europeu pelas hesitações politikeiras da Senhora Merkel não venham a causar perigos de longo prazo para o único projeto político que poderá salvar a Europa do futuro dos banhos de sangue e dos correspondentes colapsos financeiros que a caracterizaram no passado.

Notas

¹ Em nota, o editor do volume *Textos de intervenção* declara não ter localizado o texto de R-B (2002:276). Após muita procura, conseguimos encontrá-lo na hemeroteca do Arquivo do Estado.

² Por outro lado, vale a pena notar que mesmo sua passagem por São Paulo não tem merecido muito a atenção daqueles que se dedicaram à formação das Ciências

Sociais entre nós. Em texto dedicado às primeiras décadas da Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo, Fernando Limongi dedica à passagem de R-B por São Paulo apenas uma nota de pé de página (2001:275), na qual destaca sua possível influência nos estudos pós-graduados de Florestan Fernandes, realizados nesta escola.

³ Fundada em 1934.

⁴ Fundada em 1933, reconhecida pelo governo federal em 1935.

⁵ Entrevista concedida a James Fox em <http://www.alanmacfarlane.com/ancestors/needham.htm>

⁶ Reza a tradição, que tendo Evans-Pritchard sido também aluno de B. Malinowski na London School of Economics, a relação entre eles dois era, no mínimo, de desprezo mútuo.

⁷ A qualidade e a relevância dos estudos de comunidade realizados no período são recuperadas em uma bela introdução-depoimento por Eunice Durham (2004).

⁸ Encontro pessoal com JPC, 03/07/10. Estamos muito gratos ao Prof. Antonio Candido e sua filha, Prof. Laura de Mello e Souza, por terem possibilitado este valioso encontro.

⁹ *Introdução ao método crítico de Sílvio Romero*. Tese apresentada ao Concurso da Cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (1945). Cf. Dantas (2002:22). Sobre a obra e a trajetória de Antonio Candido, ver Pontes (1998).

¹⁰ Especificamente sobre *Os parceiros do Rio Bonito*, ver Jakson (2002).

¹¹ Nascido em Wiesbaden em 1899 e falecido em S. Paulo em 1970. Tal como o antropólogo português A. Jorge Dias, Baldus foi um discípulo de Richard Thurnwald. Radiou-se no Brasil após 1933 fugindo ao crescente nazismo que vigorosamente rejeitava.

¹² Colônia 1905 — Nashville 1997.

¹³ Entre os que prematuramente chamariam (como AC) atenção para a história, encontramos o extraordinário ensaísta húngaro István Bibó, ainda à espera de tradução para o português, e que entre 1942 e 1944 escreveu um notável ensaio sobre a situação da Alemanha (1986 [1942-1944]).

¹⁴ Não podemos deixar de notar que R-B deixou uma Grã-Bretanha presa de bombardeios alemães, e que lá ficaram amigos, familiares e alunos; para ele, a Guerra era muito mais que uma notícia de jornal.

¹⁵ Por exemplo, veja-se a seguinte passagem de AC: "Respondamos ao segundo com o exemplo da Rússia, que, graças à coletivização dos meios de produção e da propriedade privada em geral moldou um povo em vinte anos".

Referências bibliográficas

- BESSEL, Richard. 2009. *Alemanha, 1945*. São Paulo: Cia das Letras.
- BIBO, István. 1986 [1942-1944]. "Les raisons et l'histoire de l'hystérie allemande". In: *Misère des petits états d'Europe de l'Ést*. Paris: Albin Michel.
- CANDIDO, Antonio. 2002 [1944]. "Alemanha = Nazismo?". In: *Textos de intervenção*. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Livraria Duas Cidades/Editora 34 [publicado originalmente em *Folha da Manhã* 15/06/1944, São Paulo].
- _____. 2001 [1964]. *Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Livraria Duas Cidades/Editora 34.
- CARNEIRO, Denilson Soares. 2008. *A formação do discernimento: Jean Maurgué e a gênese de uma experiência filosófica no Brasil*. Tese de doutorado, Dep. Filosofia, USP, São Paulo.
- DANTAS, Vinícius. 2002. *Bibliografia de Antonio Candido*. São Paulo: Livraria Duas Cidades/Editora 34.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. 2004. "Introdução: uma história muito pessoal de meio século de antropologia na USP". In: *A dinâmica da cultura*. São Paulo: Cosac Naify.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. 1951. "Social anthropology, past and present. The 1950 Marett lecture". *Man*, 50:118-124. Republicado em *Social anthropology and other essays*. 1962. London: Free Press. pp. 139-157.
- FERNANDES, Florestan. 1948. *Organização social dos Tupinambá*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial.
- _____. 1970 [1952]. *A função social da guerra na sociedade tupinambá*. 2. ed. São Paulo: Pioneira.
- JAKSON, Luiz Carlos. 2002. *A tradição esquecida: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte: UFMG/FAPESP.
- LIMONGI, Fernando. 2001. "A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo". In: Sérgio Miceli (org.), *História das ciências sociais no Brasil*. Vol. 1. São Paulo: Editora Sumaré.
- MULLER, Antônio Rubbo. 1957. *Elementos basilares da organização humana*. Estudos de Antropologia Teórica e Aplicada, 5. São Paulo: Escola de Sociologia e Política.
- PINA CABRAL, João de. 2003. "Recensão de *Os parceiros do Rio Bonito* de Antonio Candido". *Etnográfica*, VII 2:461-463.
- PONTES, Heloísa. 1998. *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo, 1940-68*. São Paulo: Companhia das Letras.
- REDFIELD, Robert. 1941. *The folk culture of Yucatan*. Chicago: University of Chicago Press.
- STOCKING, G. W. 1996. *After Tylor: british social anthropology, 1888-1951*. London: Athlone Press.
- VANSITTART, Robert Gilbert, baron. 1941. *Black record: germans past and present*. Toronto: Musson.

Entrevista ao jornal *Diário da Noite* (27 de maio de 1944)

O professor Radcliffe-Brown opina no sentido do retalhamento da Alemanha.

Destruir ou reeducar a Alemanha no após-guerra?

“Os alemães merecem o castigo implacável do retalhamento territorial”

O prof. Radcliffe-Brown, catedrático de antropologia social na Universidade de Oxford depõe no inquérito do “Diário da Noite”

É Alfred Reginald Radcliffe-Brown, catedrático de Antropologia Social da Universidade de Oxford, e um dos mais famosos antropólogos do mundo, o qual tem contribuído com os seus trabalhos e as suas pesquisas para que se reafirme a ciência natural das sociedades humanas, quem depõe desta vez no inquérito promovido pelo *Diário da Noite*. Há dois anos está em São Paulo na qualidade de professor visitante da Escola Livre de Sociologia, e em missão cultural do seu país.

Pelo seminário de Radcliffe-Brown em Oxford passaram antropólogos vindos de todas as partes do globo e nomes agora famosos na especialidade foram seus discípulos. As pesquisas desse eminente cientista inglês o levaram a percorrer todos os continentes. Esteve na Índia, na Birmânia, na África do Sul, em Tonga, com as tribos aborígenes da Austrália, na China, no Japão. Muitas outras terras percorreu e em muitos países lecionou. Nos Estados Unidos seus antigos alunos, agora antropólogos laureados, editaram um livro para celebrar a sua estada na Universidade de Chicago.

A Alemanha deverá ser retalhada

Agrada sempre à repórter entrevistar o prof. Radcliffe-Brown, ouvi-lo discorrer numa prosa que emana, colorida, da sua profunda cultura de humanista e de homem de ciência, e é adoçada por um sorriso que nunca morre nos seus lábios. Desta vez, porém, não guardam as palavras pronunciadas por Radcliffe-Brown a menor vibração de piedade. Ao contrário, elas caem como torrentes na sala quieta, prenunciando o castigo implacável que deverá receber a Alemanha para que, enfraquecida, nunca mais, em tempo algum, possa insurgir-se de novo perturbando a paz do mundo:

— Piedade para quem? Para os selvagens que, ultrapassando nas atrocidades os vândalos e os hunos das eras mais negras da Europa, arrancaram dos seus lares, muitos para nunca mais voltar, nada menos que 40 milhões de

criaturas humanas? O saque, a pilhagem, países invadidos, cidades inteiras capturadas, populações removidas para que as tropas germânicas, ocupando as regiões que os moradores foram forçados a deixar, pudessem fortalecer-se no centro estratégico do continente são alguns dos crimes nefandos por que responde a Alemanha. Na hora do julgamento ela terá de prestar contas dos seus atos, sem precedentes na história dos povos. Tchecoslováquia, Polônia, Dinamarca, França, Rússia, Bélgica, Iugoslávia, Noruega, Grécia, Holanda: destes solos dilacerados muitos gritos se ergueram para os céus, muitos gemidos se abafaram na agonia final, muitas crianças morreram, a ventura de muitos lares se desfez para sempre, levada no caudal tenebroso do nazismo. E esses muitos somam milhões: 40 milhões de refugiados.

Partes da Holanda já estão sendo inundadas pelas águas do mar. Vinte anos serão precisos para que ela recupere os territórios perdidos. Na terra gáfara não florescerá por muito tempo nem mesmo a tulipa. E não ecoará em suas casas o riso feliz das crianças. A Alemanha, retalhada, pagará por tudo o que fez. Não será crueldade, será apenas um ajuste de contas. Uma parte da Alemanha Ocidental seria dada, como recompensa, à terra dos diques e dos moinhos de vento que o mar vai estragar. A França e a Bélgica teriam também a sua porção na partilha forçada desta enorme faixa.

Arrancar das suas casas 40 milhões de alemães

Radcliffe-Brown prossegue:

— Com dinheiro, terras, casas, livros, obras de arte, com as suas minas, as suas riquezas geográficas e o sacrifício do seu povo responderá a Alemanha perante os povos que ela saqueou e oprimiu. Toda a região que se estende a leste dos rios Oder e Neisse — a Prússia Oriental, a Pomerania e a Silésia — deve ser retirada do patrimônio territorial germânico, incorporando-se à Polônia e à Tchecoslováquia, assim como à Noruega, que necessita ser recompensada pelos sofrimentos infinitos a que foi submetida. As importantes jazidas de carvão da Silésia, Schleswig-Holstein, o canal de Kiel não podem ficar na posse dos bárbaros que torturaram os povos da Europa.

Não se trata apenas de tomar-lhes as cidades: será preciso ir de casa em casa desalojar os moradores, fazer como fizeram os alemães intrusos com as nações invadidas. Porventura não expulsaram eles, por processos que nunca mais se apagarão da memória dos povos subjugados, 70 mil camponeses checos das terras que vinham sendo semeadas e lavradas pelos seus pais através dos séculos para que em Praga ficassem instalados 300 mil alemães?

Uma ironia dardeja na voz do nosso interlocutor quando ele observa, no ambiente da sala que já está saturada dos seus pensamentos e da fumaça do seu cachimbo:

— A Alemanha tem 80 milhões de habitantes. Removamos, à semelhança do que ela fez, 40 milhões de alemães dos seus lares e das suas terras para dá-las aos povos que ela oprimiu. Ela o fez em nome da tirania, nós o faremos em nome da liberdade, da segurança do mundo de amanhã, que deseje garantias de uma paz verdadeira e prolongada.

Não há confiança numa nova Liga das Nações

É em resposta à nossa pergunta que o prof. Radcliffe-Brown fala, agora, meneando a cabeça num gesto que já nos antecipa a sua opinião:

— Uma entidade internacional, semelhante à Liga das Nações, já estaria desprestigiada antes de nascer. Não há confiança nas problemáticas desse órgão e, além disso, acredito que os Estados Unidos não dariam a ela o seu apoio. Entretanto, existe a esperança de que as Nações Unidas continuem realmente unidas trabalhando juntas, durante vinte anos pelo menos.

A Alemanha e a guerra sob o prisma antropológico

Sendo o professor Radcliffe-Brown uma das sumidades em antropologia, uma pergunta empolgante estava torturando o pensamento da jornalista:

— Sob o ponto de vista biológico, os alemães se amoldariam, mediante a reeducação das suas massas a destinos puramente pacíficos, norteados pelos princípios da democracia?

— Nada há na raça germânica a impedir esse fato. Não se trata de uma questão biológica. A Alemanha é guerreira em virtude do seu passado. Quem conhece a história da Alemanha sabe que os prussianos e os poloneses se originam de uma mesma raça. Ambas expressavam o seu pensamento numa língua comum, a slava. Mas em determinado período, a Prússia viu o seu território invadido pelos "Teutonio Knighta" — espécie de bandeirantes — que impuseram o seu idioma à população vencida. E as suas histórias se diversificaram. A Prússia tornou-se guerreira por imposição do seu próprio passado.

A Alemanha aceitaria o regime stalinista

— A nação germânica está profundamente imbuída do espírito marcial e reeducá-la em função da paz é uma tarefa por demais gigantesca pelos obstáculos que apresenta. Acho, porém, que não é hipótese absurda supor que a Alemanha acabe aceitando o regime stalinista. O que interessa aos militaristas alemães que dirigem a guerra é que o Reich esteja sempre em todo o apogeu da sua potencialidade. Não lhes importa quem esteja ao poder, se Hitler ou um rei, contanto que o país se aprimore cada vez mais como potência bélica de primeira ordem. Ora, a campanha com a Rússia demonstrou-lhe — e de que maneira! — como este país se fortaleceu extraordinariamente bafejado pela doutrina imposta pela Revolução.

A palestra lúcida do professor de Oxford prossegue, trazendo para a nossa presença a lembrança de um nome responsável pela guerra de 1914-1918, que foi quem encontrou Hitler, escolhendo-o para que fizesse, ele também, uma guerra: Ludendorff.

A guerra é uma fatalidade histórica para os alemães

— Qual o regime social capaz de impedir que a Alemanha viva, no futuro, como tem feito no passado, em função da guerra?

— Existe apenas um meio, no meu parecer: é enfraquecer a Alemanha, tirando-lhe a força no seu caminhar constante para as guerras. R. D. O. Butler explicava no seu curioso livro *The roots of national socialism — 1793-1933* — o que Lord Vansittart — profundo conhecedor do povo germânico também diz: a guerra é uma fatalidade histórica na vida da Alemanha, a qual ela não pode fugir, pelo seu passado. É uma imposição da sua história. Caberá às outras nações impedir que ela esteja, no futuro, em condições de realizar essa predestinação. Devem ser-lhe tirados todos os portos do Mar do Norte, deixando-lhe apenas um no Báltico. A Renania, onde se localizam as minas de ferro, passaria para a Bélgica e para a França, e assim por diante.

A Alemanha, retalhada no seu território em benefício das nações fronteiriças, constitui a garantia mais segura de paz. Ela sabe que enfraqueceu de tal maneira os outros países que, se não fizerem o mesmo com ela, acabar-se-a erguendo novamente para investir contra o mundo. E, simultaneamente, devem sair fortalecidas a Polônia, a Dinamarca, a Bélgica, a Holanda, a França, a Checoslováquia, para que possam construir um anel de segurança em redor do Reich.

A paz será feita com a espada na mão

— Alimentamos todos a esperança de que, desta vez, a paz será firmada de maneira inteiramente diferente da paz de 1918. A paz será feita com a espada na mão, para que não se repita a dura experiência de uma outra guerra, que viria fatalmente em 1975 se as condições fossem iguais às condições de paz do último conflito.

E sublinha:

— Havia três diplomatas: Wilson, Clemenceau e Lloyd George; e três militares, Foch, Pershing e Haig. Apenas este último general concordou com as imposições por demais suaves dos três diplomatas. Foch e Pershing discordaram, renunciando que haveria outra guerra. E a história confirmou tristemente a sua profecia.

Mas... — e nas suas palavras perpassa a mesma esperança que anima o coração de milhões de criaturas humanas — Churchill supera Lloyd George na diplomacia; Stalin excede em muito a Clemenceau e Roosevelt é mais sagaz do que Wilson. A paz não será uma paz condescendente, incapaz de garantir o futuro do mundo no caminho da liberdade. Os direitos do homem estarão nela assegurados.

CANDIDO, Antonio. 2002. "Alemanha = Nazismo?"

In: *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34. pp. 272-276.

Originalmente publicado em *Folha da Manhã*, São Paulo, 15/6/1944.

O professor Radcliffe-Brown, que após longa estadia entre nós está em vésperas de voltar ao seu país, é, sem favor, dos maiores antropro-sociólogos vivos. A sua obra *The Andaman Islanders* e uma série de memórias, comunicações e pesquisas fazem dele, no campo das ciências humanas, um destes nomes sempre lembrados com admiração e respeito. Poucos, como ele, souberam conciliar o trabalho de campo — minucioso e profundo — com uma visão de conjunto, e extrair de ambos uma posição teórica fecunda para a antropologia e para a sociologia. Herdeiro das tradições da escola inglesa — de um Haddon, de um Tyler, de um Frazer — soube abrir o seu espírito às lições da Escola Sociológica Francesa, de tal modo a poder dizer, com fundado orgulho: "Eu fiz simplesmente aquilo que Durkheim disse que deveria ser feito". Como o fez, todavia, segundo uma posição de alta originalidade, pôde dar ao mundo científico uma das obras mais sólidas da antropro-sociologia contemporânea.

Ora, as ciências humanas são humanas e, por isso mesmo é que se chamam humanas, como diria um amigo da lógica. Parece, portanto, que os seus cultores devem estar penetrados de um espírito de humanismo, uma compreensão mais ampla do homem e dos fenômenos sociais; que devem poder se colocar, no que toca à existência e, sobretudo, às relações do homem, numa posição mais imparcial e mais compreensiva do que, digamos, o homem médio, ou o matemático. Através dos seus estudos, o sociólogo, o psicólogo, o antropro-geógrafo, o antroprologo, o historiador aprendem a ver que a vida dos homens, a sua história, não se faz ao léu nem por obra e graça do Espírito Santo, e que se podem perceber nela certas generalidades, certas constâncias, certas diretrizes. Aprendem que os costumes, as instituições, são relativas — evoluindo, variando de época para época e, dentro da mesma época, de povo para povo. Temos, portanto, o direito de esperar que eles possuam um julgamento objetivo, livre de absolutos e, tanto quanto possível, sereno, dos fatos sociais e dos acontecimentos históricos. Mormente quando se trata do professor Radcliffe-Brown, situado numa atitude científica a que poucos homens conseguem chegar. É com a máxima tristeza que o vemos desarrazoar e assumir a linguagem de um exaltado ou de um grã-fino mal-informado para falar de um problema social e humano tão importante quanto seja o destino da Alemanha no após-guerra.

Respondendo ao inquérito promovido a este respeito pelo Diário da Noite, o ilustre mestre de Oxford começa por afirmar que a Alemanha deve ser submetida "ao castigo implacável do retalhamento territorial" — para

citar as suas palavras. Como réplica às atrocidades nazistas nos países ocupados e prevenção contra o futuro, preconiza a secessão da Prússia Oriental, da Silésia, do Schleswig-Holstein, da Pomerânia, precisando deste modo o seu pensamento: "Não se trata apenas de tomar-lhes as casas; será preciso ir de casa em casa desalojar os moradores, fazer como fizeram os alemães intrusos com as nações invadidas (...) Removamos 40 milhões de alemães dos seus lares e das suas terras, para dá-las aos povos que ela (Alemanha) oprimiu. Ela o fez em nome da tirania, nós o faremos em nome da liberdade, da segurança do mundo de amanhã". Nega, em seguida, que seja possível, tamanha é a tarefa, reeducar os alemães para a paz e a fraternidade, afirmando que "a guerra é uma fatalidade histórica da vida da Alemanha, à qual ela não pode fugir pelo seu passado. É uma imposição da sua história." A sua conclusão é que a Alemanha deve ser retalhada a fim de permitir a formação de um cordão de países fortes à sua roda.

Cheguei a duvidar da exatidão destas respostas. Não teria a repórter, que não soube traduzir "Teutonic knights", massacrado as ideias do grande antropólogo, ao vertê-las? Porque há nelas, pondo de lado a sua desumana dureza, três raciocínios inconcebíveis sob a pena de um sociólogo: 1º — a crença de que a mutilação territorial resolva um problema nacional; 2º — que seja impossível educar ou reeducar uma coletividade; 3º — que haja fatalidades inelutáveis numa evolução social.

Ao primeiro, basta a resposta seguinte: as mutilações que a Polónia sofreu valeram como solução do problema polonês para os seus adversários, que a retalharam como o professor Radcliffe-Brown quer que a Alemanha o seja — aos quilos, no mármore de açougue dos tratados internacionais? Respondamos ao segundo com o exemplo da Rússia que, graças à coletivização dos meios de produção e da propriedade privada em geral moldou um povo em vinte anos. Quanto ao terceiro, lembremos que os belicosos gauleses se transformaram rapidamente nos pacíficos galo-romanos; que os normandos tremendos viraram os escandinavos sossegados; que o conquistador saxão da Inglaterra produziu o pacato camponês britânico. Não há povo inelutavelmente isso ou aquilo. Os povos são o que as condições históricas e mesológicas os obrigam a ser, e a melhor maneira de tornar pacífico um povo inelutavelmente guerreiro é não prolongar as condições que o levam periodicamente à guerra, mas criar-lhes outras, dentro das quais ele possa cumprir pacificamente o seu destino. Não sei se o professor Radcliffe-Brown se lembra que, há coisa de cem anos, os alemães eram, excetuados os prussianos, o povo mais quieto e pacífico da Europa, a ponto de um francês poder dizer, então: "Les Français sont faits pour la guerre, les anglais pour le commerce et les allemands pour la musique et la philosophie".

Não sei qual é a política a ser adotada quanto à Alemanha, uma vez vencida a guerra. Só sei que não há mais lugar no mundo para os tratados de Vestifália e que os aliados só conseguirão alguma coisa em relação aos alemães se forem a eles movidos pelo espírito de compreensão, importando, antes de mais nada, distinguir cuidadosamente Alemanha de nazismo. Esta é uma praga de que muita gente tem culpa, dentro e fora da Alemanha, devendo ser punidos os culpados onde quer que estejam, enquanto que aquela é uma pátria eterna da sabedoria, da arte, da ciência. Um mundo sem a Alemanha seria um mundo mutilado. Nas forças vivas do seu proletariado, do seu povo sólido e forte, estão muitas das esperanças do futuro, se é que queremos um futuro em que não haja mais fascismos em que a igualdade dos homens — política e econômica — seja algo mais do que uma figura de retórica. Não me espanta que as burguesias de todo o mundo queiram mutilar os países vencidos, porque as burguesias, mesmo quando pensam buscar outros fins, querem sempre preparar um estado de coisas que prolongue as contradições sociais e econômicas. Daí lançarem mão de conceitos como o inelutável, que lhes adormece a consciência num travesseiro cômodo de razão histórica. Ora, acontece que o mundo de amanhã não pode mais servir aos interesses de classe, porque são estes que geram as guerras. Os povos se entendem acima e através das fronteiras de interesses. Veremos, assim, chegar a hora em que os outros povos da Europa farão frente comum com o alemão para liquidar o que restar de nazismo, dentro e fora dos países totalitários.

O que há de chocante na entrevista do professor Radcliffe-Brown é que a sua linguagem poderia estar na boca do sr. Goebels ou outro sinistro personagem do mesmo jaez. O que deve distinguir um homem livre de um nazista é, antes de tudo, a sua atitude mental, prelúdio necessário da ação. Nada mais deplorável do que responder a um fascista com o mesmo gênero de argumento por ele usado. Olho por olho, dente por dente. Mataram? Matemos. Roubaram? Roubemos. Até onde nos levará esta lógica tremenda, que reentroniza o Código de Hamurabi?

Não, meu respeitado mestre Radcliffe-Brown. Não se deve vencer o nazismo para continuar a empregar os seus métodos — onde quer que seja, de que lado seja, sob que pretexto for. Como sociólogo, como homem de pensamento, cabe-lhe pregar a humanidade nas relações do homem; cabe-lhe, ao invés de se queixar, como faz, que o tratado de Versalhes não tenha sido bastante rigoroso, ensinar que é preciso acabar com os odiosos tratados de Versalhes e dar a todos os povos, quaisquer que eles sejam, condições que lhes permitam sacudir o jugo da contingência econômica e mesológica. A democracia não deve ser feita entre os homens apenas, mas também entre os países. O que se tem a fazer é esmagar o nazismo, punir os seus responsáveis e estender, larga, sincera, generosa e fraterna, a mão à Alemanha e ao seu povo.

Nota

A entrevista mencionada se encontra no número de 27 de maio do Diário da Noite. Aconselho vivamente a sua leitura para uma boa compreensão do meu ponto de vista e, sobretudo, para edificação do leitor.

* A nota acima encontra-se no fim do artigo de Antonio Candido, sem indicação de entrada. Foram baldados todos os esforços de localizar o *Diário da Noite* (edição de São Paulo) em que saiu a entrevista de Radcliffe-Brown (N.O.).